

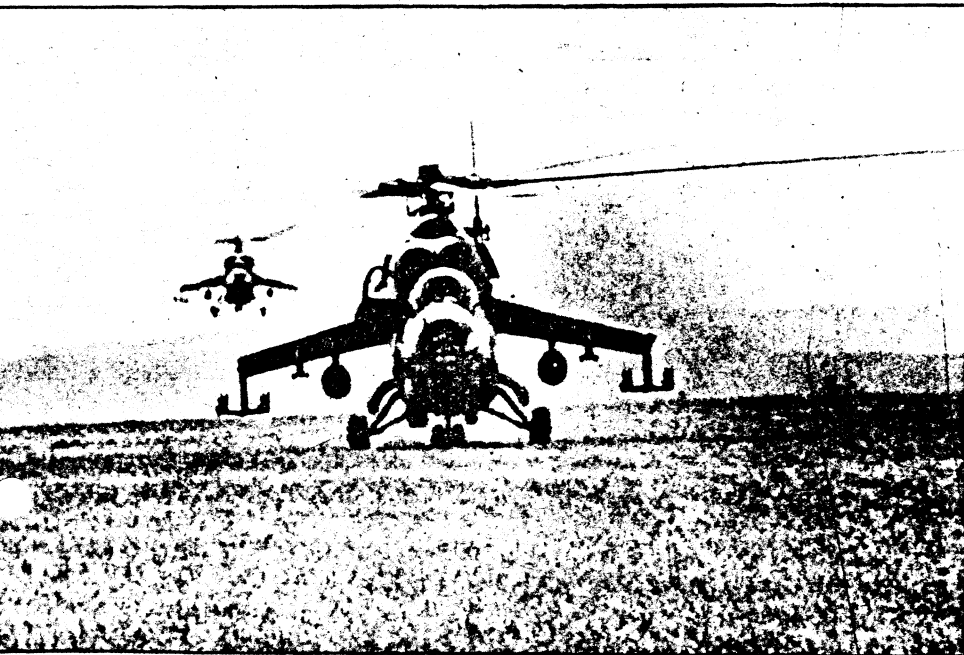
Era obviamente com emoção que nos encontrávamos a bordo do hélio, já que durante três dias a ida parecia comprometida por factores alheios à nossa vontade. Poder, consequentemente, ter a possibilidade de ver *in loco* o que os bandidos consideravam inexpugnável era, sem dúvida alguma, oportunidade peregrina na nossa missão de informar, de dar a ideia de que este fenómeno alheio às aspirações populares (que o banditismo é) não é imbatível, de que subsiste mercê de apoios ínvios do exterior, daqueles que não querem aceitar a soberania do Povo mozambicano de decidir os seus destinos.

Quando havíamos partido de Chinóio uma pontinha de apreensão pairava no ambiente a bordo do helicóptero. Entre ficar com os restantes colegas a trocar impressões, a especular sobre o que ouvíramos na caçóvil provincial, a levantar hipóteses sobre o que se nos depararia em «Casa Banana», decidimos pedir ao terceiro tripulante do hélio que nos cedesse o lugar, no meio dos dois capitães que pilotavam o aparelho.

E foi assim que me encontrei na



O Presidente Samora Machel conversando amistosamente com o brigadeiro zimbabueano Agnew Kambeua que comandou o grupo de tropas especiais pára-quadistas que tomou da assalto a «Casa Banana»



Os helicópteros de combate MI-25 da nossa Força Aérea quando aterravam na pista de aviação da Gorongosa. A aviação teve papel preponderante no bombardeamento e protecção das tropas de desembarque

cabina de pilotagem com a noção do poder que se apoderara das pessoas, cientes da capacidade de fogo e de combate de um tal aparelho. E se os militares são lacónicos, pelo menos havia ali a oportunidade de desven-

dar o terreno imenso que íamos ganhando paulatinamente em direcção ao quartel-general do banditismo.

Uma troca de palavras que não pude entender, o meu franzir de cenho e a elucidação pronta: «Ali à

esquerda está a ver? Aquelas palhotas, as pessoas fora delas». E perante a minha interrogação sobre o significado daquelas palavras — «as pessoas desta zona não saem das suas casas quando sobrevoamos esta zona, elas eram controladas completamente pelos bandidos».

A base sobrevoada, os primeiros indícios de guerra, clareiras de bombas que precederam o ataque final, escombros fumegantes, os pilotos decidiram que a aterragem se deveria fazer no rio Dgedge ao invés do local previamente determinado, já que os ventos pouco propícios para ali arrastavam o fumo e os detritos de um incêndio provocado pelos terroristas quando, antes de iniciarem a fuga, pretenderam queimar documentos e instalações vitais.

Ao desembarcarmos no meio do rio Dgedge, que na altura tinha um caudal exíguo, apercebemo-nos imediatamente de alguns militares que aí procediam às suas abluções matinais, à lavagem de roupa, dos utensílios utilizados para a cozinha. Os uniformes eram diferentes dos das FPLM. Eram zimbabueanos, tropas especiais pára-quadistas que haviam par-



Canhões de longo alcance figuram entre o armamento capturado no quartel-general dos terroristas. À direita, na foto, pode-se distinguir igualmente um camião-cisterna



Pormenor do armamento capturado na «Casa Banana», vendo-se granadas de morteiro. Grandes quantidades deste tipo de munições encontravam-se igualmente num paiol perto do centro estratégico da base

tipicado do assalto final à base, ao quartel-general do banditismo.

Chegar perto deles foi um instante, o caminho em direcção aos pontos nevralgicos da «Casa Banana» a começar de imediato. Logo de início nos apercebemos da situação estratégica em que se situava a base, nas faldas dos contrafortes montanhosos da Serra da Gorongosa.

CASA BANANA

As defesas eram visíveis logo ali, nas margens do rio Dgedge, postos avançados, alguns dos quais com comunicações telefónicas directas com o posto central do auto-intitulado «general» Afonso Dhlakama.

Do consenso das conversas que fomos mantendo ao longo da nossa estada, pudemos apercebermo-nos de que um ataque com infantaria, mesmo que apoiado por artilharia ou bombardeamentos aéreos ter-se-ia deparado com grandes dificuldades, perspectivas de combates muito mais intensos na forja.

Era essa certamente a convicção



O Presidente Sámore Machel, acompanhado pela sua comitiva observa o equipamento rádio, espólio desta batalha da Gorongosa

dos mentores locais do banditismo quando, apenas três dias antes do assalto final à «Casa Banana» emitiam um comunicado de propaganda no qual afirmavam possuírem força suficiente para se defrontarem com as tropas moçambicanas e zimbabueanas, considerando «Casa Banana» como virtualmente inexpugnável.

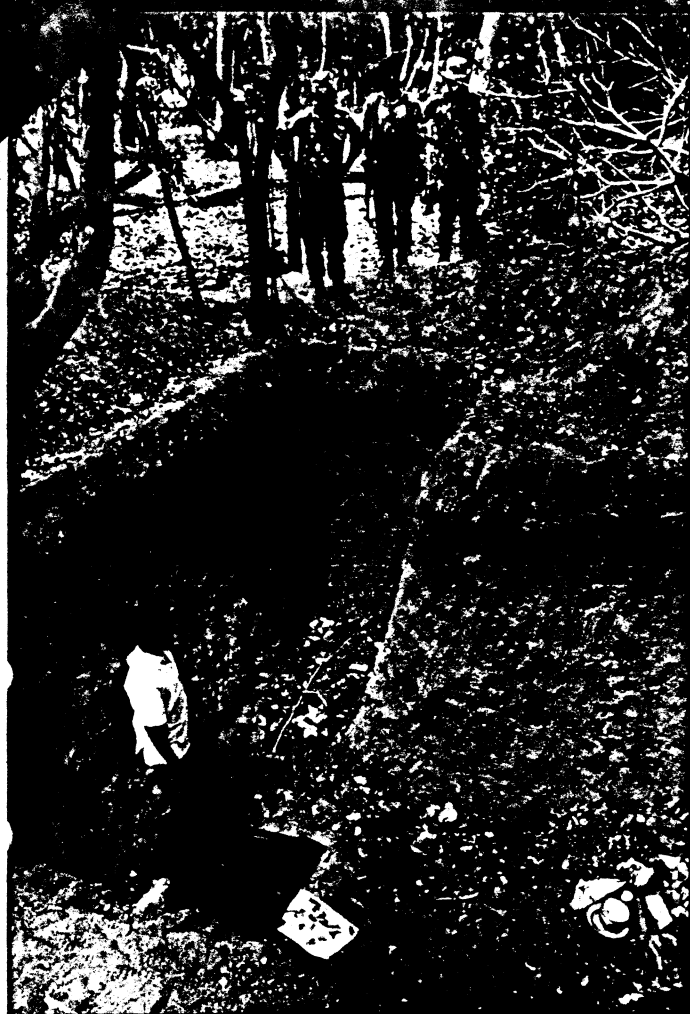
Na realidade e em linha directa, sempre a subir, quase que sem entraves, a nossa caminhada até ao coração desta base demorou-nos cerca de vinte minutos em marcha razoavelmente acelerada, o que nos dá uma ideia do espaço a percorrer desde o rio onde desembarcámos.

A nossa chegada ao coração da base tivemos um pequeno intervalo para o descanso imprescindível e o combinar da forma como iríamos proceder à visita, orientada por um Major zimbabueano, um dos pára-quedistas que foi largado sobre a base quando do seu assalto final a 28 de Agosto.

Anteriormente, havia-se procedido ao assalto e captura de outras bases de importância vital para os terroristas e que funcionavam igualmente como pontos estratégicos de defesa



Tropas pára-quedistas zimbabueanas em uniforme operacional de combate. A cooperação militar entre Moçambique e o Zimbábue é fruto de uma amizade que se consubstancia nos tempos da Luta Armada de Libertação Nacional dos dois países e é exemplo pioneiro no continente africano



Um prisioneiro capturado durante os combates que culminaram com a tomada da «Casa Banana» e outros pontos neurálgicos dos terroristas na zona do serra da Gorongosa



Uma máquina de projectar de 35 mm com algumas bobinas visuais do lado esquerdo, que permitiam fazer a propagação do terrorismo

É DEVER DO ZIMBABWE AJUDAR MOÇAMBIQUE

Falando em Harare, após ter recebido detalhes da operação conjunta das Forças Armadas de Moçambique e das Forças Armadas do Zimbabwe, que levou à tomada do principal acampamento dos bandidos armados, na Gorongosa, o Primeiro-Ministro zimbabweano, Robert Mugabe, disse que o Zimbabwe tem o dever de ajudar Moçambique e vice-versa.

A este propósito, Robert Mugabe, afirmou:

«Decidimos que, para além do que estávamos a fazer por Moçambique e por nós próprios ao protegermos as infra-estruturas que nos servem, deveríamos passar à ofensiva para, conjuntamente com os moçambicanos, eliminarmos os bandidos nas zonas de Manica, Sofala e Tete».

As infra-estruturas referidas pelo Primeiro-Ministro do Zimbabwe, são o oleoduto que vai da Beira a Mutare, a linha férrea que liga a capital de Sofala a Machipanda, servindo o Zimbabwe, e a estrada nacional que sai do Zóbuê em direcção à fronteira comum, passando por Changara depois da travessia do Rio Zambeze, na cidade de Tete.

Estas infra-estruturas são vitais para a economia zimbabweana e, como declarou Robert Mugabe «não poderíamos ficar restringidos a uma actividade de defesa dos ataques dos bandidos armados».

do bastião principal. Caíram assim Muxombe, a 20 de Agosto, e seguidamente, Bunga, Cavalo, Fábrica (onde se encontrava uma pista de aviação de 800 metros de extensão e de onde os bandidos eram abastecidos do exterior), Mavonde e libertada a localidade de Maringué.

A PROPAGANDA INIMIGA

Segundo pudemos apurar, quer em Chimoio, quer já em «Casa Banana», uma outra base — Gogogo — considerada como «academia militar» pelos bandidos estava a ser alvo de intenso bombardeamento para posterior ataque frontal. Especulava-se ainda que o autoproclamado «general» Dhlakama teria fugido de motorizada para esta base, onde estariam concentrados, para além dos bandidos nacionais, bandoleiros estrangeiros, mercenários e aventureiros internacionais. Esta última asserção parece ter tido a sua confirmação numa mensagem-rádio interceptada pelas nossas forças e que dava conta de pedidos urgentes de socorros, revelado-

res do estado de desespero a que toda esta operação conjunta lançou os cabecilhas da dita RENAMO.

A visita à base permitiu-nos, como já o afirmámos anteriormente, ter uma ideia global do revés infligido aos bandoleiros. Documentação capturada na altura e que pudemos observar revela o que pensavam os dirigentes terroristas como, por exemplo, quando num panfleto afirmam que a sua organização «tem a sua sede política e militar na zona centro de Moçambique, em Gorongosa. É nesta zona onde se encontra a estrutura máxima da Organização».

Sintomático da crença na invulnerabilidade da sua base, revelador de que este é, de facto o mais rude golpe rumo ao desmantelamento do bandidismo. E, a comprová-lo estão as contínuas deserções das fileiras dos terroristas que se entregam agora com as armas ou tentam esconder-se junto da população civil. Um outro panfleto refere, contudo que «a RENAMO nunca teve e jamais terá desertores nas suas fileiras».

Falar da documentação que exami-

námos tornar-se-ia exaustivo. Mas, caricato é sem dúvida a fraseologia dos seus comunicados, dos panfletos propagandísticos, das comunicações manuscritas apreendidas. Exemplos: o tratamento de *camarada*, a utilização de *saudações revolucionárias*, a finalização sistemática de *a luta continua!* Este grupo terrorista, não consegue criar uma identidade ideológica e serve-se da linguagem criada e forjada pela FRELIMO numa experiência de luta armada e edificação de uma Pátria anti-imperialista.

MATERIAL CAPTURADO E BAIXAS INIMIGAS

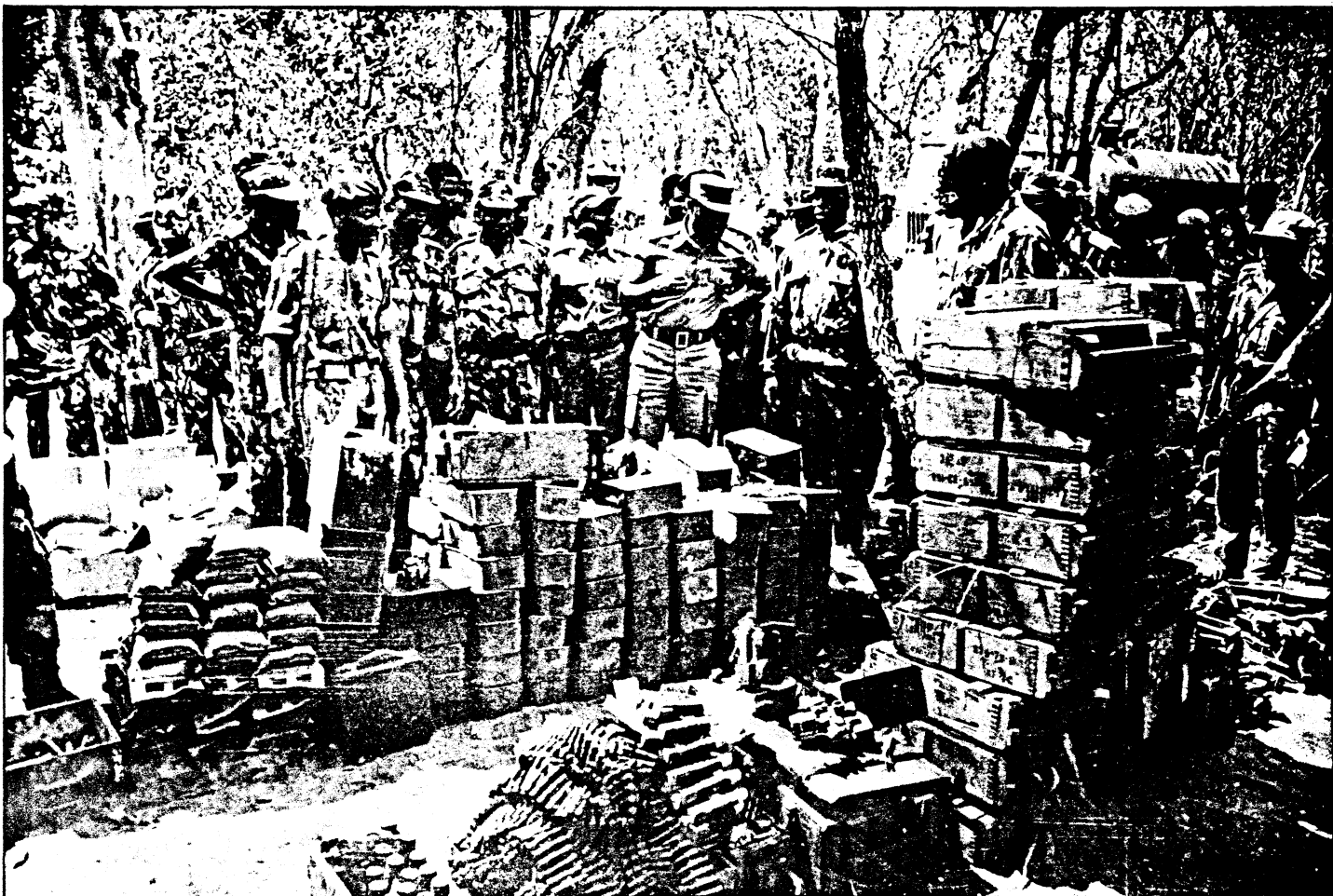
A visita à base, em passo acelerado, dada a sua grande extensão, permitiu-nos ver as grandes quantidades de armamento apreendido, na ordem das centenas de toneladas e que estimativas apriorísticas feitas *in loco* apontam para serem suficientes para operações durante dois ou três anos. Material médico, de rádio, bens e equipamentos roubados à população figuram igualmente entre o ma-

terial capturado: eram motores geradores, máquinas de policopiar, de escrever, de costura, um «jeep», camiões, um «buldozer», motorizadas, bicicletas, mobílias e toneladas de material diverso.

As estruturas físicas da base eram constituídas por largas dezenas de palhotas e casas maticadas, armazéns utilizados para os mais diversos fins, posto médico, um arsenal estilo «bunkner» que fornecia munições às anti-aéreas existentes e aos canhões de longo alcance que figuram igualmente entre o material de guerra capturado.

Na sua debandada da «Casa Banana», existe a evidência de que os terroristas lançaram fogo a algumas dessas infra-estruturas, nomeadamente locais onde se concentrava documentação estratégica e o dinheiro roubado às populações da zona.

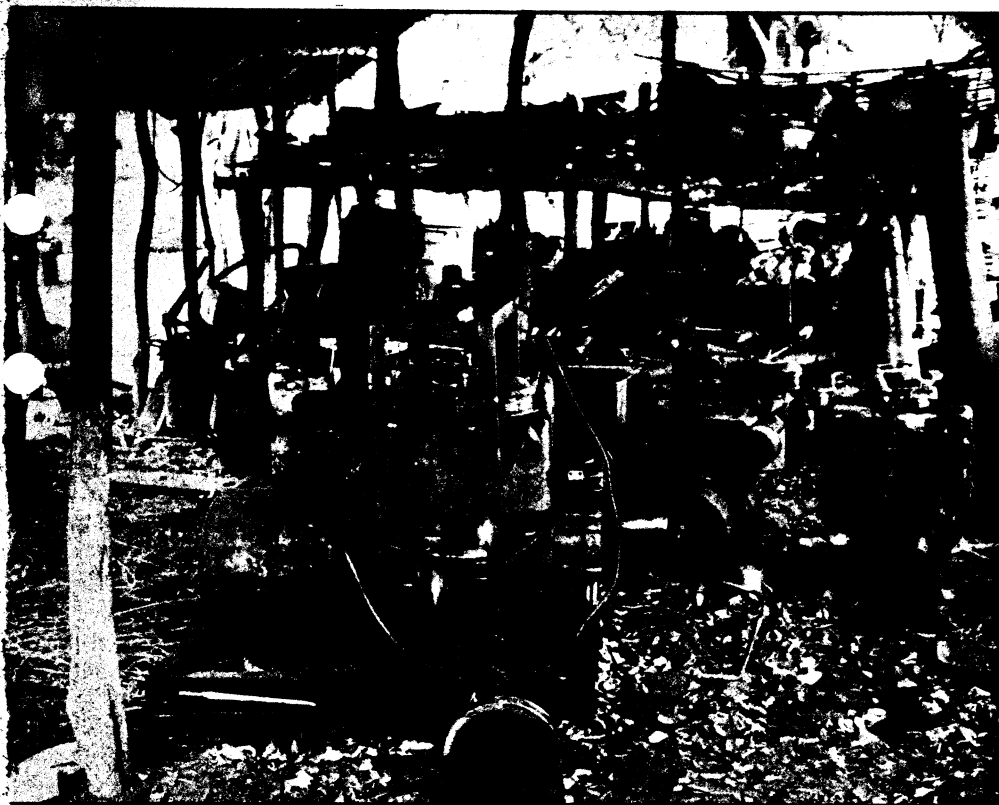
As baixas sofridas pelo inimigo são ainda difíceis de estimar, dado que os bombardeamentos efectuados e o facto de os terroristas não abandonarem os seus mortos e feridos no terreno não permite a exactidão que



Mais material de guerra: centenas de toneladas de material capturado que permitiriam sabotagens durante mais de dois anos



Máquinas de policóptiar e outros bens roubados durante os assaltos coordenados a partir da «Casa Banana»



Geradores eléctricos que forneciam o abastecimento de energia à «Casa Banana»

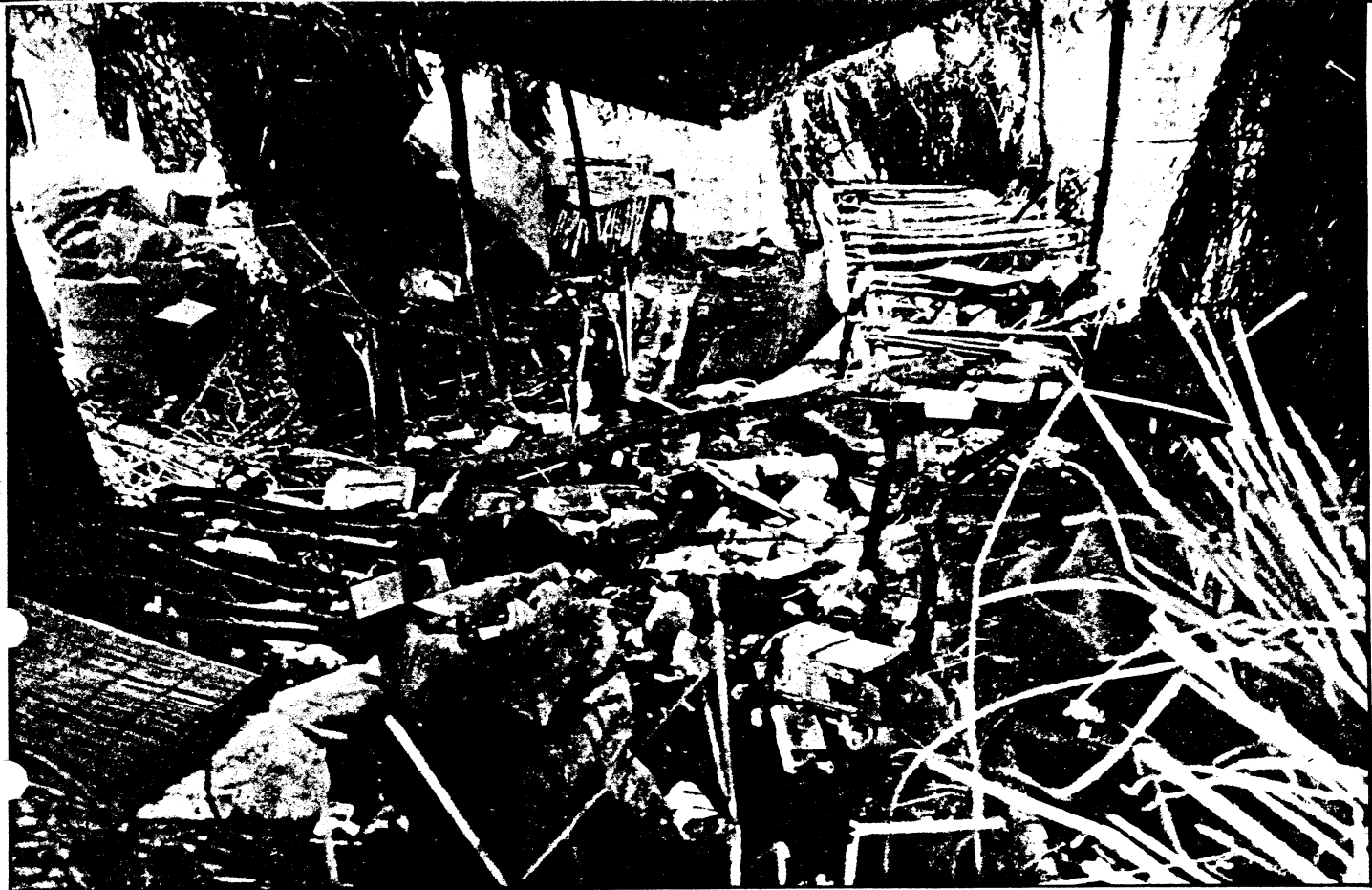
seria desejável. No entanto, informações colhidas referem o aniquilamento de largas centenas de terroristas, quer no ataque principal, quer nas operações de perseguição e aniquilamento que se lhe seguiram.

COMÍCIO DE CHIMOIO

Anteriormente à nossa ida à «Casa Banana» mas posteriormente à deslocação aí efectuada pelo Presidente Samora Machel, acompanhado por vários membros do Bureau Político e das Forças de Defesa e Segurança assim como por Ministros da RPM, realizou-se um comício popular orientado pelo Chefe do Estado.

Prenhe de emoção, de uma intensidade que não conhecíamos há já alguns anos, este comício de Chimoio foi o primeiro orientado pelo Presidente Samora Machel após a Independência Nacional naquela província do centro do País.

Se é certo que este facto gerava a expectativa inevitável no seio das pessoas, muitas das quais apenas conheciam o Chefe do Estado das fotografias dos órgãos da comunicação



Posto médico e armazém de medicamentos. Esta zona do acampamento foi a mais atingida nos combates podendo-se constatar o desgaste nas instalações

social, não é menos verdade que a notícia das operações em curso e da tomada da base «Casa Banana» eram aguardadas com a emoção própria dos grandes momentos.

Milhares de pessoas aguardaram a pé firme horas a fio não arredando enquanto a Comitiva Presidencial não

chegou ao estádio. Neste comício, o Presidente da República traçou um breve historial das grandes opções políticas e económicas do país no pós-independência e referiu, ante o gáudio das 20 000 pessoas ali presentes, que na Gorongosa partimos a espinha dorsal do inimigo.

Salientando contudo que não é altura para triunfalismos, o Chefe do Estado apelou para que de Manica e Sofala saia o túmulo do banditismo e elogiou o esforço conjunto que as Forças Armadas do Zimbabwe e de Moçambique envidam nesse sentido, apresentando às populações ali presentes, os membros da sua comitiva e ainda o Major-General Sheba Gaba e o Brigadeiro Agnew Kambeua, do Zimbabwe, bem como o Brigadeiro Joseph Robert Hall da Tanzânia, presentes ao evento.

Recorde-se a este mesmo propósito que a efectivação destas operações conjuntas, ora iniciadas na Serra da Gorongosa, haviam sido discutidas e aprovadas em Harare no passado mês de Julho numa cimeira a que estiveram presentes os Presidentes Julius Nyerere e Samora Machel, para além do Primeiro-Ministro do país anfitrião, Robert Mugabe.

Nesta cimeira ficara decidido que os três países passariam a cooperar mais estreitamente entre si, particularmente no domínio militar, onde o inimigo de um é considerado inimigo dos restantes, especialmente no que concerne à questão do banditismo armado. □



→ 9.00h
26191
15
Grandes quantidades de propaganda religiosa foram apanhadas. Na imagem, «O Baptismo no Espírito Santo» e «O mais importante é o Amor» são títulos visíveis